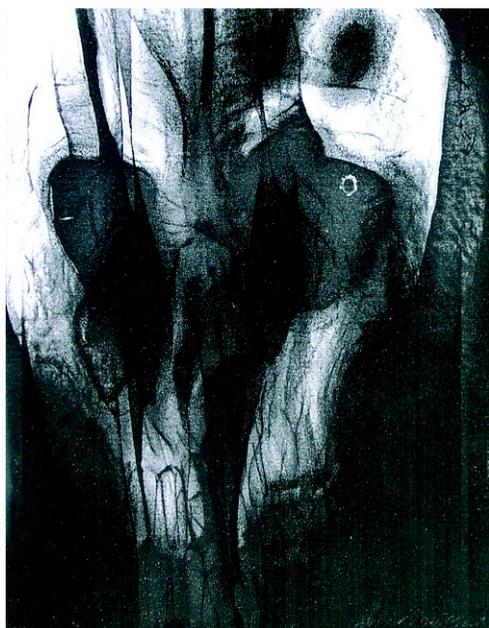


Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
[Coordenação]

Miguel Bombarda ^[1851-1910] e as singularidades de uma época



(Página deixada propositadamente em branco)

Ana Leonor Pereira
João Rui Pita
(Coordenação)

FOLHA DE ROSTO

Miguel Bombarda (1851-1910)
a as singularidades de uma época

Coordenação Científica da Coleção Ciências e Culturas

João Rui Pita e Ana Leonor Pereira

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por *referees*

Coordenação Editorial

Maria João Padez Ferreira de Castro

Edição

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: impresauc@ci.uc.pt

URL: <http://www.imp.uc.pt> • Normas de publicação de coleções

Design

António Barros

Pré-Impressão

António Resende

Imprensa da Universidade de Coimbra

Capa

António Dantas. *Sem título*, 2002. Col. António Barros. Coimbra

Impressão e Acabamento

SerSilito • Maia

ISBN

978-989-8074-11-9

Depósito Legal

.....

Obra publicada com a colaboração de:



Obra publicada com o apoio de:

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR Portugal

Programa Operacional Ciência, Tecnologia, Inovação do Quadro Comunitário de Apoio III



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

© Agosto 2006, Imprensa da Universidade de Coimbra

João-Maria Nabais

Médico, Sub-Região de Saúde de Setúbal, Portugal

**MIGUEL BOMBARDA E AS SINGULARIDADES DA GERAÇÃO DE 70
COM ANTERO DE QUENTAL**

*«...e assim no meio de tantos erros e enganosa, em que
o espírito humano se compraz – a verdade é dura e
a ilusão é doce...»*

Miguel Bombarda, no livro
A Consciência e o Livre Arbítrio

No século XIX surgem os primeiros textos filosóficos em que se desenvolvem conceitos e ideias humanistas com a sua correspondente literária, o movimento realista.

A partir de meados do século XIX, começa a surgir um pensamento filosófico e literário, com tendência a reflectir o sofrimento humano e os dramas sociais que se acentuam com a industrialização, e que passa por uma percentagem crescente de novos assalariados; analfabetismo; horários de trabalho de quase escravatura; a miséria delinquente; a infância abandonada, etc..

Após as revoluções de 1830 e 1848, em França, há uma nova mentalidade científica, que se reflecte em particular nas obras literárias e que, ao irradiar para toda a Europa, dá origem ao surgimento das primeiras ideologias socialistas. Esta nova escola, esta nova consciência crítica, o Realismo, com Baudelaire, George Sand, Flaubert, em *Madame Bovary*, Vitor Hugo, Renan, em *Origens do Cristianismo*, Zola, entre outros, vai objectivar e comentar a realidade humana em contraciclo com o período anterior do romantismo, individualista, mais ou menos piegas e sentimental.

A escola de arte do Realismo é uma reacção contra o Romantismo: o Romantismo era a apoteose do sentimento; o Realismo é uma revolução estética literária, no compromisso pela vida moderna em todos os seus aspectos, na atracção pela luz do conhecimento e pelas ciências, ex.: o psicologismo e o tecnicismo exuberante em Balzac; a influência do vocabulário médico e do método científico nos romances de Flaubert.

A Geração de 70

O espírito desta novíssima literatura europeia chega de Paris até nós, após Coimbra ter ficado ligada à Europa, em 1864, por caminho-de-ferro.

Este novo pensamento vai insurgir-se contra a retórica ultra-romântica de escritores já consagrados, ex.: Castilho e seus discípulos, de um lirismo forçado que privilegia mais a forma, mas de conteúdo vazio de ideias. Esta polémica vai gerar um confronto literário e marcar o triunfo de um grupo europeizante e moderno sobre a vaidade provinciana e vanglória dos últimos ultra-românticos portugueses.

Ao grupo de jovens intelectuais Portugueses da década de 70, muitos formados na Universidade de Coimbra, chamou-se *Geração de 70*. Este núcleo, liderado ideologicamente por Antero de Quental, com Teófilo Braga, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, José Fontana e outros, herdeiros do positivismo de Comte, do idealismo de Hegel e do socialismo de Proudhon, está dominado pelo desígnio de que é possível realizar no país uma transformação das estruturas políticas, morais, sociais, e vai protagonizar uma autêntica revolução cultural agitando consciências e poderes estabelecidos, acentuando o papel de intervenção social que a literatura deve ter.

Este viveiro ideológico, em contacto com as novas correntes literárias, científicas, filosóficas, corresponde na Europa a uma época de intensa agitação política e social: em Paris, a organização da I Internacional Operária (1864); a luta pela unificação da Itália, por Garibaldi; a proclamação da República em Espanha (1868); o manifesto da República da Comuna em Paris, após a derrota de Napoleão III (1871).

Quase todos procuram, através das suas obras, realizar uma reforma das consciências – o despertar de uma nova consciência crítica nacional. As primeiras obras realistas são bastante elucidativas quanto ao rumo novo que a literatura portuguesa estava a tomar. O socialismo utópico foi a linha filosófica e política comum a muitos destes escritores.

Antero exerce uma intensa actividade no campo da escrita, da política e da produção de ideias – escreve *Odes Modernas* e o opúsculo *Bom Senso e Bom Gosto*. Dotado de uma personalidade complexa (segundo António Sérgio, o poeta concentra em si duas personalidades opostas: uma faceta apolínea e um lado nocturno pessimista), sofre as oscilações de um carácter rico mas ansioso, com evidente expressão na sua obra poética.

Com efeito, Antero de Quental (Ponta Delgada, 1842-1891), nascido de uma família distinta da ilha de S. Miguel, revela nos seus primeiros sonetos tendências místicas avivadas por uma sólida religiosidade. Em breve desenvolve uma acção intervencionista que se traduz numa intensa actividade crítica dum racionalismo e radicalismo social. O poeta filósofo acredita no progresso que só pode ser realidade com a implantação do socialismo (trata-se nomeadamente de um socialismo utópico de índole moral, fortemente influenciado por Proudhon). A par do seu lado combativo, Antero é um homem que na sua ânsia de infinitude, procura, através da filosofia, descobrir os mistérios existenciais e do Absoluto. O seu calvário espiritual acompanhou-o até ao fim dos seus dias. Tendo renunciado à acção, acaba por não ver qualquer finalidade prática à sua vida, fixa-se na santificação individual. Antero vive uma contradição que reside na descrença e, ao mesmo tempo, num amor à divindade. O pulsar da religião em Antero não se extingue, muito pelo contrário, acentua-se com a idade. É o grande drama da sua existência que o leva a suicidar-se no dia 11 de Setembro de 1891, libertando-se desta angústia trágica frente ao Convento da Esperança.

O traço deixado pela Geração de 70 na cultura portuguesa foi profundo e duradouro. Antero teoriza sobre o conceito da poesia e a sua missão revolucionária para imortalizar a Humanidade. Torna-se o seu *porta-voz* ao transpor para o papel os sinais da sua inquietação como reflexo dos diferentes desequilíbrios económicos, sociais e da decadência do País. A revolução será assim um dever moral!

É cada vez mais frequente, nessa época, a publicação de obras realistas com uma forte componente crítica e uma preocupação social, exemplo disso são as Farpas, escritas por Eça de Queirós e Ramalho Ortigão.

O Realismo é a anatomia do carácter – *é a crítica do homem (...) para condenar o que* houver de mau na sociedade. As teorias de Marx, Proudhon, Taine vão influenciar as várias áreas artísticas desde a arte à ciência, passando inevitavelmente pela literatura, o que vai levar a uma necessidade cada vez maior na procura da verdade.

Na tarefa de construção de um novo enfoque da história portuguesa, dois vultos têm lugar de destaque: Antero de Quental e Oliveira Martins. O primeiro lança a pedra fundamental do recente *edifício* com a famosa conferência sobre as *Causas da Decadência dos povos Peninsulares nos últimos três séculos*.

O Neo-realismo virá no século XX recuperar alguns dos valores comuns a este movimento estético dos finais do século XIX.

Antero sempre se sentiu identificado com a pátria, de facto, desde as Conferências Democráticas do Casino, em 1871, começa a vigorar um modo de compreender as descobertas e conquistas do passado, bem como o Portugal restaurado em 1640. Em ampla medida altera a forma de pensar a vida da nação e o sentido da sua entidade, situação que aproxima e une cada vez mais adeptos, ao longo do final do século XIX e começos do XX.

Antero de Quental, e logo depois Miguel Bombarda, jovens pensadores, inconformados sonham uma nova sociedade com os seus ideais socialistas. Embora de vocação e estilos diferentes, têm em mente alterar a política e a cultura do País, tanto pela escrita literária inovadora como pela doutrina política da palavra. Assim, por acção deste fermento, catalisador de novas ideias que chegam da Europa a Portugal, vão passar as bases de uma revolução intelectual, ideológica, moral e religiosa.

Miguel Bombarda

Miguel Bombarda (Rio de Janeiro, 1851 - Lisboa, 1910), tem uma educação conservadora influenciada pela tradição católica. O seu nome próprio, Miguel, é sintomático da tendência miguelista paterna. Aluno brilhante, já em Portugal estuda na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde obtém altas classificações. Aí defende tese em 1887 com *O Delírio das Perseguições*, onde manifesta desde cedo uma posição de redução da psicologia à fisiologia, própria do materialismo mecanicista, de acordo com as novas ideias do século, na completa certeza do progresso e da razão humana.

Para a Medicina é a época da anatomia patológica, da histologia, da bacteriologia, da assepsia, da soroterapia, da profilaxia e da higiene colectiva, das novas técnicas cirúrgicas e da medicina social. Segundo ele «... *é na verdade uma maravilha o quadro de ciência conquistada nos últimos cem anos ...*» quando se refere ao seu século.

As ideias materialistas e positivistas irrompem nos meios culturais portugueses traduzindo-se numa forte corrente doutrinal. Desde os domínios do saber académico – o Direito, a Literatura, a Psiquiatria, etc., passando pela análise e metodologia literária, até à perspectiva política de massas, o positivismo invade todos os domínios científicos culturais em Portugal.

Em 2 de Julho de 1892, Miguel Bombarda toma posse por concurso de Director do Hospital de Rilhafoles, criado em 1848 por Saldanha (futuro hospital Miguel Bombarda). Aí, com o seu espírito arrojado, ardente, íntegro, dotado de senso prático, possuidor de excepcional capacidade de trabalho e de inabalável energia, vai operar uma autêntica revolução, com o fim de cuidar humanamente dos loucos – reforma as instalações, faz a conversão nosocomial, sanitária, disciplinar e administrativa de Rilhafoles e, com a divulgação de métodos de ergoterapia, humaniza a abordagem do doente mental.

Dum armazém desordenado de alienados, o Hospital de Rilhafoles é transformado num Hospital Psiquiátrico.

1896 é o ano em que abre no hospital o primeiro curso livre de Psiquiatria, especialidade médica que só será aceite oficialmente um ano após a sua morte, em 1911. Intervém nos aspectos de organização e gestão da terapêutica, do estudo científico da Psiquiatria e das suas implicações filosóficas.

Em 1906, é a data do XV Congresso Internacional de Medicina, que organiza em Lisboa, dando provas mais uma vez do seu génio organizador e construtivo, como na Liga Nacional contra a Tuberculose.

Reconhecido como brilhante jornalista médico, escreve 20 livros, opúsculos e centenas de artigos de índole científica, cultural e política; funda a revista *A Medicina Contemporânea* (1883), que se publica até 1962, onde irá divulgar regularmente estudos médicos ao assinar os mais variados temas e assuntos – higiene pública, alimentação, habitação, normas de trabalho, conceitos e preocupações sociais, e outras questões médicas (segredo e ética profissional, internato, reformas de ensino...), numa sequência e erudição notáveis, além de textos literários, artísticos, políticos e também de teatro. *O médico como porta-estandarte do progresso e da civilização dos povos.*

Efectua importantes observações científicas, tais como: a dos hemisférios cerebrais, distrofia por lesão nervosa, menopausa viril, pelagra, microcefalia, delírio do ciúme, epilepsia, psiquiatria forense, etc.. Pertence e preside a várias sociedades científicas nacionais e estrangeiras.

Pela aplicação da palavra e da escrita, no sentido do progresso científico, Bombarda vê facilitada a aquisição de novas normas médicas ao direito, à administração, ao ensino, à higiene, à cultura, e na melhoria global do nível de vida, com incremento das condições de saúde e assistência aos doentes.

Miguel Bombarda *trabalha sempre, entusiasmado, numa aspiração insatisfeita de progresso* – é uma personalidade forte, singularmente universalista, tão instável como apaixonada e apaixonante, não só na história da psiquiatria, como na política do seu tempo, de tal modo que apesar das disputas, ofensas e provocações a que foi sujeito, do plano médico-jurídico ao político, do clínico ao filosófico, pelo seu materialismo e

anti-psicologismo (ex.: do Padre Santana), segue o seu próprio caminho e vai inspirar de forma pessoal, única, o movimento social e político que leva à queda da monarquia.

O professor é um socialista republicano, firme na sua fé e no seu modelo democrático - quando é eleito deputado; não chega a tomar posse nas Cortes por ter sido assassinado no seu gabinete, nas vésperas da implantação da República, por um doente mental, seu antigo doente, na manhã do dia 3 de Outubro. Uma das suas últimas palavras proferidas já no leito de morte «... *Morrer assim é estúpido ! Esta noite eu podia morrer pela República...*»

«... Um sábio, a quem apenas faltou, para podermos assim chamar, a virtude augusta da serenidade...» (Júlio Dantas)

Singularidades e Paradoxos (entre Miguel Bombarda e Antero de Quental)

Apesar de nascerem (Rio de Janeiro e Ponta Delgada) fora do grande centro de decisão – Lisboa, vão ter um papel determinante, cada um à sua maneira, na história política e social portuguesa com influência decisiva na cultura, para além do limitado tempo físico em que viveram. Depois deles nada será como dantes.

Quase contemporâneos, descendem de famílias tradicionais conservadoras e católicas, o que não os impede de adoptarem uma prática política pessoal e de vida ainda que de estilos e graus diferentes – o socialismo idealista de Antero preconiza uma mudança política pacífica diferente da linha republicana, embora seja esta que irá prevalecer. Miguel Bombarda está mais perto da corrente positivista de Augusto Comte, inspirador de Júlio de Matos, sem contudo se identificar com ela. As suas raízes encontram-se mais em Haeckel e no materialismo alemão.

Homens inconformistas no ímpeto das acções, com perfil asceta e de qualidades integras, universais, vão deixar expresso nas suas obras, com lucidez, o reflexo das suas complexidades interiores, das suas angústias e do seu labor – Miguel Bombarda mantém-se sempre isolado pelo seu espírito individualista e claramente independente. Só em 1908 se junta a Teófilo Braga no campo da acção e propaganda republicanas e torna-se o responsável civil pela revolução de 5 de Outubro. Antero lidera durante anos a geração de intelectuais que marca a literatura portuguesa e parte da nossa história recente.

Apesar de lembrados em muitas placas toponímicas de uma qualquer rua, de quase todas as cidades e vilas, poucos se devem recordar das suas vidas breves, tão intensamente trágicas – infelizes no seu viver familiar, os dois vão ser vítimas, sujeitos cedo a mortes violentas.

A Geração de 70, impotente para fazer a revolução política, converte-se numa revolução ideológica, moral e intelectual, geradora de ideias para fornecer a doutrina crítica.

Com estes compromissos, Miguel Bombarda sente-se cada vez mais atraído para a acção doutrinária, primeiro no plano médico, mais tarde no filosófico e, por fim, no político, ao promover o mesmo sentido crítico ao progresso político, científico e de intervenção social – o socialismo como evolução da Humanidade.

Esta revolução cultural vai despertar a Revolução política na virada do século com a instauração da República, em 1910.

E de Miguel Bombarda fica tanto ainda por dizer!

BIBLIOGRAFIA

- BRÍGIDA, Gracinda Pais – *Escritores Médicos Portugueses da segunda metade do séc. XIX*, 1948.
- BOMBARDA, Miguel (1851-1910) – *O Delírio do Ciúme*; Lisboa: Medicina Contemporânea, 1896.
- Centenário do Hospital Miguel Bombarda (Antigo Hospital de Rilhafoles), 1848-1948* – Edição do Hospital Miguel Bombarda, 1948.
- CID, José de Matos Sobral (1877-1941) – *O Professor Miguel Bombarda, A sua carreira e a sua obra de alienista*; Fac. Medicina Lisboa, 1925.
- Dicionário Cronológico de Autores Portugueses (Vol. II)* – Publicações Europa América, pp. 247-250 e 339, 1990.
- FERNANDES, Barahona (1907-1992) – *Miguel Bombarda*; Sep. O Médico, n.º 41, 1952.
- FERNANDES, Barahona (1907-1992) - *A Psiquiatria em Portugal*; Roche Farmacêutica Química, Lda, 1984, 1997.
- FURTADO, Diogo (1906-1964) – *Miguel Bombarda*; Sep. Jornal do Médico, XIX (470) 201-207, 1952.
- LEMOS, F. Cardoso – Referências ao livro do Senhor Prof. Miguel Bombarda: A Consciência e o Livre Arbítrio; Sep. *Coimbra Médica, ca 1898*.
- LOPES, Óscar e Júlio Martins – Manual de Literatura Portuguesa, 6.ª ed., 1970.
- MARTINS, Sílvia Regina – *A polémica entre Miguel Bombarda e Manuel Santana (no contexto do séc. XIX português)*, Faculdade de Letras do Porto, 1995.
- MENDES, J. Caria – *Miguel Bombarda*; Sep. Rev. Medicina, Mai-Jun. 1980.
- SARAIVA, António José – *História da Literatura Portuguesa*, 5.ª ed., Publicações Europa América, 1959.
- SARAIVA, António José e Óscar Lopes – *História da Literatura Portuguesa*, 7.ª ed., Porto Editora.



Resumo – Os intelectuais Portugueses da década de 70, no século XIX, são influenciados pelo desígnio de que é possível realizar no país, uma transformação do sistema político, moral e cultural com o despertar da nova consciência nacional.

O traço deixado pela Geração de 70 na cultura portuguesa será profundo e duradouro. Antero teoriza sobre o conceito da poesia e a sua missão revolucionária. Torna-se o seu porta-voz ao transpor para o papel os sinais da sua inquietação como reflexo dos diferentes desequilíbrios económicos, sociais e da decadência do País. A revolução será assim um dever moral!

Antero de Quental e logo depois Miguel Bombarda, inconformados, sonham com uma nova sociedade e os seus ideais socialistas, tanto pela escrita literária inovadora como pela doutrina política da palavra. Assim por acção deste fermento, catalisador de novas ideias que chega da Europa, vão sair as bases de uma revolução intelectual, ideológica, moral e religiosa, em Portugal.

Miguel Bombarda sente-se cada vez mais atraído para a acção doutrinária, primeiro no plano médico e, mais tarde no filosófico e, por fim, no político, ao promover o mesmo sentido crítico ao progresso político, científico, social – o socialismo como evolução da Humanidade. Esta revolução cultural vai despertar a revolução política, com a instauração da República, em 1910.

Abstract – Portuguese intellectuals of the nineteenth century seventies' were influenced by the belief that it was possible to transform our moral, cultural, and political system with the emergence of a new national conscience.

The Seventies' Generation had a deep lasting influence on Portuguese culture. Antero theorizes about the concept of poetry and its revolutionary mission. He becomes its voice by transforming the signs of his restlessness into written words, the reflection of different socio-economic problems and the country's decadence. Revolution is a moral duty!

Antero de Quental, immediately followed by Miguel Bombarda, refused to conform and dreamt of a new society and socialist ideals through innovating literary writing and with the words' political doctrine. These were the foundations of a religious, moral, ideological, and intellectual revolution in Portugal.

Miguel Bombarda was further and further attracted to doctrinal action, first in medical, then in philosophical, and finally in the political field, by promoting the same critical sense to political, scientific, and social progress – socialism as evolution of Humanity. This cultural revolution led to political revolution and to the Republic in 1910.

1 Coleção
Ciências e Culturas
Coimbra 2006

